

Reportagens independentes e o cenário crítico-informativo na exposição de ataques a povos indígenas¹

Gabriel Cardoso Cruz²
Henry Adrian da Silva Araújo³
Alexandre Zarate Maciel⁴
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RESUMO

Este resumo expandido busca comparar duas abordagens jornalísticas que contextualizam ataques a povos indígenas, em reportagens produzidas pelas mídias independentes Agência Tambor (MA) e O Joio e o Trigo (SP). A partir da metodologia da Análise Temática (AT), de Braun e Clarke (2006), iluminada pelos procedimentos recomendados por Fabiana Moraes e Diego Gouveia (2018) e Jorge Ijuim (2017), foi possível observar, nas duas reportagens analisadas, a contextualização dos fatos, a escolha das fontes a partir de uma perspectiva humanizadora e a representação em termos de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Reportagem; Mídias Independentes; Humanização.

Introdução

Este resumo expandido apresenta uma análise comparativa de duas reportagens que tratam de agressões aos povos indígenas, elaboradas por mídias independentes brasileiras: a Agência Tambor, de São Luís, Maranhão, e O Joio e o Trigo, sediada em São Paulo. O recorte aqui apresentado faz parte de um projeto maior, denominado “Reportagem de Fôlego Social no jornalismo independente”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Jornalismo de Fôlego, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz.

O estudo geral tem como propósito mapear e identificar as mídias jornalísticas independentes do Brasil, com foco na produção de reportagens aprofundadas sobre temas sociais e de direitos humanos. Nesse contexto, já foram analisadas 43 reportagens

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE 14 – Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: gabrielc16692@gmail.com.

³ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: henry.araujo@discente.ufma.br.

⁴ Professor do curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: alexandre.maciell@ufma.br

produzidas por 13 veículos desta área, com destaque para aqueles que atuam na região Nordeste.

O objetivo geral tem sido o de analisar como esses temas são abordados nos contextos locais, destacando a importância das fontes orais, especialmente as do cotidiano, e a importância do processo de humanização na criação de reportagens. Isso inclui a reflexão sobre diversos elementos e ferramentas que contribuem para a elaboração desse formato de matéria, como as fotografias, citações e estruturação do texto.

Neste resumo expandido foram analisadas duas reportagens produzidas por mídias independentes diferentes. A primeira, “Corpo Marcado: cinco anos depois, como vivem os povos tradicionais do Maranhão que sobrevivem a um ataque”, relata os desafios e sequelas enfrentados pelos Akroá-Gamella devido a um massacre ocorrido no dia 30 de abril de 2017. Publicada em 8 de julho de 2022, a reportagem foi produzida pela equipe composta por Ed Wilson Araújo, que redigiu o texto e Gui Christ, que fotografou, em colaboração para a TAB de Viana (MA).

A segunda reportagem, intitulada “No encontro entre a Amazônia e o Cerrado: seca, fome e veneno”, investiga os impactos socioambientais da intensificação da produção em larga escala na região de transição entre a Amazônia e o Cerrado, mais especificamente no estado do Tocantins, onde vivem várias comunidades indígenas como os Javaé, os Krahô Takaywará e os Krahô-Kanela.

O texto, publicado em 29 de abril de 2024, também aborda a perda de acesso a recursos naturais, como água e alimentos tradicionais devido à degradação ambiental causada por projetos hidrológicos de irrigação e barramento para tornar a região um polo de monocultivos desde 1979, em processo iniciado durante a ditadura militar brasileira (1974-1985). A produção inclui o repórter Fábio Zuker, que redigiu o texto, e Avenier Prado, responsável pelas fotografias. Essa reportagem é um especial da agência O Joio e o Trigo para o jornal britânico The Guardian.

Jornalismo humanizado e suas representações

No que diz respeito às fontes jornalísticas, Amaral (2021, p. 206), destaca as linhas editoriais de sites de jornalismo independente. “Para nós, jornalistas, a palavra das vítimas sempre é a mais importante. E isso não significa fazer proselitismo, deixar de ouvir outros lados, de confrontar versões e de buscar fontes primárias como documentos e dados que tragam luzes sobre a situação”. A jornalista completa o seu raciocínio comentando que

ouvir os invisíveis, de quem ela cita entre outros, por exemplo, os indígenas, as mulheres e os negros, além de vítimas de conflitos fundiários, “é fundamental para qualquer tentativa de transmitir uma visão mais completa e coerente da realidade”.

Moraes e Gouveia (2018, p. 110) recomendam que se observe, nas produções jornalísticas, questões como o “investimento em visibilidade de pessoas e grupos sociais” e o esforço dos repórteres em não promover a espetacularização ou a exotificação. Para tanto, as reportagens mais éticas devem primar pela “apuração e checagem intensas”, além da “observação densa e participante”. Ijuim (2017, p. 236), por sua vez, alerta que o jornalismo pode contribuir para a desumanização quando “caricaturiza o ser humano”, ou “ignora a complexidade do fenômeno” e nas ocasiões em que “não reconhece o Outro”. (Ijuim, 2017, p. 236).

Em seu site, a Agência Tambor se define como uma “agência de comunicação comunitária, livre, alternativa e popular”. Já O Joio e o Trigo se classifica como um veículo jornalístico sem fins lucrativos, “que aceita e valoriza a utopia, busca descolonizar o imaginário para construir saídas e que se pauta por valores e não por pessoas, forças político-partidárias ou econômicas”. Essas formas de apresentação, por si só, já apresentam elementos de uma postura de defesa dos direitos humanos não tão comum nas autodefinições de veículos de mídia de referência.

A partir da metodologia da Análise Temática (AT), conforme proposta por Braun e Clarke (2006), iluminada pelos procedimentos recomendados por Fabiana Moraes e Diego Gouveia (2018) e Jorge Ijuim (2017), foi possível observar, nas duas reportagens analisadas, se os repórteres foram capazes de contextualizar os fatos, escolher fontes a partir de uma perspectiva humanizadora e representá-las com respeito em termos de imagens.

Papel das citações

Quanto aos personagens, fica evidente a preferência pela predominância de fontes comuns, em vez das especialistas e oficiais. Pensando nisso, a reportagem da agência O Joio e o Trigo apresenta quatro personagens comuns em comparação a dois oficiais e dois especialistas. Destaca como personagens principais, por exemplo, o cacique Vagner Maireia Javaé, que explica os impactos da seca e do colapso climático sobre a base alimentar da aldeia, o peixe e a farinha. E também Levi Pêphã Brito Ribeiro Krahô, indígena da aldeia Takaywrá, que explica que a construção da barragem no Rio Urubu interrompeu a migração dos peixes, impedindo sua reprodução. Como resultado, houve

uma significativa diminuição na quantidade de peixes na região.

Ainda na reportagem de O Joio e o Trigo, a fim de manter o tom de imparcialidade, os autores citam a fala de Wagno Milhomem, presidente da Aproest e vice-presidente da Fieto, que negou as alegações dos indígenas sobre os danos ambientais causados pelas barragens. Ele afirma que os impactos são positivos, destacando que estudos técnicos indicam que as barragens não afetam o volume e vazão dos rios. Fala que é contradita pelas imagens e relatos das fontes comuns da matéria.

Já na matéria da Agência Tambor, as fontes do cotidiano tornam-se ainda mais proeminentes, contando com cinco fontes comuns, três oficiais e uma especializada. A forma que os textos se estruturam deixa claro a preferência por fontes do povo, já que ambas as reportagens das duas agências trabalham o conceito de humanização em suas matérias mostrando a visão das pessoas afetadas. Um dos depoimentos mais impactantes é o de José Ribamar Mendes Akroá-Gamella, o Zé Canário, 55, que teve a mão direita e a perna esquerda decepadas e sofreu um corte no rosto devido ao massacre. Ele retrata na reportagem o momento exato como o ataque aconteceu e relembra que a ordem era para que não escapassem, nem as crianças.

Percebe-se que os repórteres adotam a perspectiva de destacar as agressões sofridas em consequência dos atos irresponsáveis de grandes empresas ou latifundiários. Neste ponto, se aproximam dos aspectos destacados por Ijuim, já que evitam caricaturizar o ser humano. Para tanto, amplificam as vozes das lideranças indígenas, que descrevem suas tradições e dores. Os repórteres também se posicionam de forma contrária ao desrespeito aos direitos humanos, como recomendam Moraes e Gouveia, já que procuraram imergir nas comunidades, o que conferiu abordagens diferenciadas.

Imagens e contextualização

Em ambas as reportagens é notável a utilização de imagens que conectam as partes das histórias relatadas, gerando um efeito importante de contextualização. Fica evidente, nessas produções do jornalismo independente, um contraponto ao uso cada vez mais comum de imagens com o objetivo de causar impacto imediato, reforçados pela velocidade crescente em que o mundo jornalístico opera, que leva à perda de características fundamentais dessa área informativa.

Segundo Mattos (2021), o ciclo de produção, circulação e monetização de notícias atualmente passa por uma concentração econômica que afeta a diversidade do conteúdo e os próprios valores jornalísticos. Essa dinâmica, conforme o autor, vem impulsionando

formatos voltados às lógicas das redes, apagando fronteiras entre opinião e notícia, publicidade e jornalismo, entretenimento e informação, gerando produtos híbridos com ritmo e gramática próprios desse ambiente digital.

Pela natureza mais lenta do processo de produção de uma reportagem, e pela liberdade que as agências Tambor e O Joio e o Trigo tentam lançar mão por serem independentes, ambas iniciativas procuram “uma prática jornalística que se caracteriza pela autonomia em relação a interesses políticos, econômicos ou corporativos” (Conteúdo Expresso, 2025). Assim, pelo menos nas duas reportagens em análise, esses veículos se aproveitam da autonomia de detalhar a história contada e, por consequência, criar maior imersão e empatia do leitor pelos personagens.

Uma das imagens da reportagem “Corpo Marcado” (Agência Tambor), exemplifica uma das sequelas da perseguição ao povo Akroá-Gamella. Um homem, Aldeli de Jesus Ribeiro (Pan Akroá-Gamella), aparece deitado em uma rede com mãos à mostra. O contexto é de que seus dois pulsos foram cortados e reconstituídos após um dos ataques à comunidade. É uma imagem perturbadora, mas não trivializante. Não é sobre o choque de saber o que aconteceu, mas a reflexão de que um ser humano seria capaz de realizar algo do tipo contra outro.

Outra amostra da importância humanizadora e contextualizadora de fotografias no jornalismo está na reportagem da agência O Joio e o Trigo. Ao investigar os impactos socioambientais da intensificação da produção em larga escala na região de transição entre a Amazônia e o Cerrado, ela mostra um canal construído a partir do rio Formoso para instalações de bombas para captação de água.

Por meio desta imagem, fica evidente a escassez de água e a estagnação do rio, problemas que facilitam a proliferação de mosquitos, que dependem da água parada para sua reprodução e podem transmitir doenças, detalhe que é comentado na reportagem. A fotografia traz veracidade ao texto de forma que palavras talvez não conseguissem, de forma que é cada vez mais usada no jornalismo com valor não apenas ilustrativo, mas também informativo.

Conclusão

A análise das duas reportagens evidencia como o jornalismo independente tem se destacado pela produção de narrativas aprofundadas e sensíveis a contextos sociais complexos. Tanto a Agência Tambor quanto O Joio e o Trigo demonstram

compromisso com a escuta de vozes marginalizadas e com a abordagem crítica de temas ligados a direitos humanos e meio ambiente.

O uso de formatos narrativos mais longos, o investimento em apuração local e valorização de elementos como a oralidade e a fotografia fortalecem a construção de reportagens mais humanas e contextualizadas. Assim, o estudo reforça a importância das mídias independentes como espaços fundamentais para o exercício de um jornalismo comprometido com a transformação social e com a ampliação do acesso à informação de qualidade.

Referências

AMARAL, Marina. **Não mintam para nós: público se une a jornalistas em busca da verdade**. In: **Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional**. Rio de Janeiro: História Real, 2021.

ARAUJO, Ed W. **Corpo marcado: cinco anos depois, como vivem os povos tradicionais do Maranhão que sobrevivem a um ataque**. Agência Tambor, 2022.

BRAUN, V., & CLARKE, V. (2006). **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

CONTEÚDO EXPRESSO. **O que é jornalismo independente e sua importância**. Conteúdo Expresso, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://conteudoexpresso.com.br/glossario/o-que-e-jornalismo-independente-e-sua-importancia/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

IJUIM, J. K. Por que humanizar o jornalismo (?). **Revista Verso e Reverso**, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MATTOS, F. S. de. **Plataformização da notícias e consumo de informação: tendências do jornalismo em um novo ambiente informacional**. In: **Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília: 2021.

MORAES, F.; GOUVEIA, D. **Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade**. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. MAIA, Marta e MARTINEZ, Monica (org.). Editora Catarse: Santa Cruz do Sul, 2018.

PRADO, A.; ZUKER, F. **No encontro entre a Amazônia e o Cerrado: seca, fome e veneno**. O Joio e o Trigo, 2024.